

Escatologia – Aula 3

A vida futura

É precisamente porque a corporeidade é algo tão indissociável da condição humana que a identidade da corporeidade não provém da matéria, mas da alma.

Com a rememoração da teologia tomista, Joseph Ratzinger entra na terceira e última parte de sua obra, complementando o tema da ressurreição dos corpos com a chave da teologia tomista, a filosofia grega mais precisamente o pensamento aristotélico.

Para a tradição judaica, não existe a ideia teológica moderna do homem-corpo e homem-alma, tratando-se unicamente o homem como tal: homem. O próprio vocábulo compreende-se na mente judaica como sendo a composição da identidade (alma) com a materialidade (corpo), junção que frutifica no Adão. Essa compreensão da unidade humana não deu abertura para dúvidas teológicas surgidas no desenvolver da teologia sistemática cristã, que viu no advento da ressurreição um vetor de dúvidas impensáveis ao povo hebreu.

O que no cristianismo surge como escândalo, a ressurreição dos mortos, é ideia de ruptura para com o pensamento judaico que previa o advento da ressurreição apenas no momento final da espécie humana como se conhecia desde Adão, o que faz com que o milagre da ressurreição de Lázaro seja absolutamente incompreensível para os presentes, como se vê na alegação de Marta quando da anunciação do milagre que se avizinhava:

*“Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar.
Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia.” – Jo 11:23, 24*

A não abertura para dúvidas com relação à ressurreição dos corpos se baseava na crença judaica de que sim, haveria uma ressurreição dos mortos e essa só poderia acontecer no último dia conforme predito pelos profetas (Dn 12:2), porém Cristo mostra que ele tem domínio sobre a alma mas também sobre a matéria, não trazendo Lázaro em um novo corpo incorruptível (Sl 16) mas em um corpo mesmo corruptível, que voltaria a viver sobre a mesma esperança da ressurreição dos corpos no último dia como acreditava corretamente Marta.

A nova compreensão trazida por Cristo é, além do próprio milagre realizado pela Vida, também uma revelação inaudita até então de que ao homem não é necessária a espera temporal humana para que veja o cumprimento da promessa, mas sim da temporalidade divina, o que veio a ser uma pedra de tropeço para muitos judeus de então, que se recusavam a receber a revelação messiânica, optando por permanecer debaixo da promessa da exegese farisaica. Cristo enfrentou essa dificuldade interpretativa frontalmente no episódio da cura do paralisado em Lucas 5:

*Mas quando Jesus percebeu seus pensamentos, ele respondendo, disse-lhes:
Que arrazoais em vossos corações? O que é mais fácil dizer: Os teus pecados
foram perdoados; ou dizer: Levanta-te, e anda? Mas para que possais saber
que o Filho do homem tem poder sobre a terra para perdoar pecados (ele disse
ao paralisado), digo-te: Levanta-te, toma a tua maca, e vai para tua casa.*

Cristo rompia com a temporalidade humana da Lei e dos Profetas, n'Ele habitava a própria corporeidade una (“Eu e o Pai somos um – Jo 10:30). Assim, Cristo foi pedra de fundação e pedra de tropeço.

A composição do homem em São Tomás de Aquino

Foi no século XIII, com o retorno de Tomás de Aquino ao pensamento aristotélico que a Igreja pôde entender o homem como ele o é, uno em corpo e alma. Diz J. Ratzinger em §6 III:

Já com Aristóteles foi possível formular um realismo não-sensualista e com isso, alcançar uma correspondência filosófica com o realismo pneumático exigido pela Bíblia. O passo decisivo significou a nova concepção de alma, formulada por Tomás de Aquino por meio de sua audaciosa transformação da Antropologia aristotélica. Essa nova concepção da alma, derivada definitivamente da visão cristã, significava, ao mesmo tempo, uma nova concepção do corpo: conforme a interpretação que Tomás apresenta da fórmula anima forma corporis, ambos só são realidade um, a partir do outro.

Voltando ao pensamento aristotélico, Tomás de Aquino centralizou novamente o homem na teologia cristã mostrando que a este não é dada a separação entre corpo e alma, o que por si já eliminaria toda uma cadeia de dúvidas com relação à ressurreição dos corpos. A essa compreensão aristotélica em Tomás de Aquino, os teólogos posteriores puderam chegar à conclusão de que, desde Adão, a alma sempre foi a identidade humana e não o corpo; e dissociada deste, a alma nada mais que é matéria prima para a composição humana como nós a conhecemos.

▪ O corpo humano corruptível

Com relação à incompleição do homem, temos a própria sexualidade no corpo humano marcando que, como é vivida nessa Terra, a vida humana está fatalmente separada da unidade com o Criador. Diz o Mestre:

“Vós errais, não conhecendo as escrituras, nem o poder de Deus. Porque na ressurreição não casam, nem são dados em casamento, mas são como os anjos de Deus no céu.” – Mt 22:29, 30

O corpo incorruptível do qual fala o apóstolo Paulo é o corpo como de Cristo (I Co 15), o qual não será separado pela sexualidade mas completo em Deus-Pai. O novo corpo não se limita à materialidade terrestre, como também o corpo de Cristo ressurreto não se limitava (Jo 20), esse é o corpo ressurreto, o novo corpo que, este sim, pode herdar o reino do Céu (I Co 15:50).

Sendo a alma humana matéria-prima, quando da morte do corpo ela se torna novamente barro nas mãos do oleiro (Is 64:8) que, desta [e para esta] pode formar um novo corpo.

“[...]É graças à assimilação de uma determinada corrente de textos bíblicos e à sua combinação com uma filosofia do tempo e da eternidade que se pode, a um só tempo, conservar a fórmula da “ressurreição da carne” e realizar a plena espiritualização da esperança cristã”. – Escatologia, p. 196

A obra que temos em mãos entrega mais do que promete, e isso no mundo literário atual já é motivo para se louvar um título e dar a ele lombada destacada na biblioteca. Na página 216, Ratzinger faz uma breve observação de importância inversamente proporcional à quantidade de linhas que ocupa. Em menos de uma página o autor traz à luz o dilema científico de, hoje, termos a convicção do princípio da entropia, qual seja “o mundo caminha para o nada”, ao mesmo tempo em que constatamos a transformação da natureza que caminha sempre para uma maior complexidade de seus elementos, e não sua simplificação. Em suma, o que vemos diante dos nossos olhos é um mundo que se reduz à nada mas é cada vez mais complexo, e essa dissonância só pode ser resolvida no cristianismo, que tem em Cristo a origem e o fim de todas as coisas.

E onde esse filosofar cósmico esbarra no assunto “a vida futura” que trata o livro? Justamente na ressurreição dos corpos. Ora, se nossos corpos caminham indiscutivelmente para sua total destruição (morte), não estaria ele caminhando também para sua complexidade? Assim, a entropia do corpo humano não resultaria mesmo naturalmente ao seu enriquecimento? Sendo assim, como poderia haver enriquecimento do corpo humano após sua destruição senão por meio do cumprimento da promessa cristã de revestimento da alma em um novo corpo, revivificado? Ao que parece, à semelhança do argumento platônico no diálogo Da Alma, chegamos a uma conclusão que confere significância filosófica ao que parecia ser apenas artigo de fé.

O retorno de Cristo e o Juízo Final

Entrando nesse assunto faz-se necessário ressaltar que, o estudo da Teologia Sistemática e todos os seus ramos como a própria Escatologia não são bases do cristianismo, antes são fruto do amor cristão pela Verdade, que os fustiga diante de cada dúvida com o ardor pela busca do conhecimento. Essa observação se faz necessária pois, desde a Igreja primitiva o povo de Deus se envolveu em disputas e debates teológicos, que nunca foram chaves de entrada no Reino do Céu. Compreender esse ponto é essencial quando se entra a esmiuçar tema tão vago na Escritura Sagrada, o que por si já é um sinal de sua não vital importância para a missão máxima do Verbo Encarnado: Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido – Mt 18:11

É comum novos convertidos se apegarem a linhas teológicas como pré-tribulacionista, amilenarista, aniquilacionista... e se tornarem cavaleiros templários teológicos, caçando como hereges os que adotam linhas opostas. Lutar essa guerra é demonstrar o total desconhecimento até mesmo da falta de substância textual para se ter convicção de grande parte desses temas, que há dois mil anos são matéria de estudo por parte de todos os grandes homens e mulheres que dedicaram suas vidas a entender os passos do Caminho. Aqui abordaremos não a discussão apologética mas teológica, ou seja, não defenderemos linhas de compreensão mas sim estudaremos o texto sagrado do cristianismo para saber o que ele tem a nos fornecer para a melhor compreensão do que não nos foi dado compreender em plenitude (At 1:6,7).

Marxismo e o Cristianismo

Ao longo da obra Escatologia, por três ou quatro vezes o autor comenta o marxismo e o mal que sua ideia de planificação causou ao pensamento cristão, onde encontrou morada por todo o mundo. Para Ratzinger, a ideia de planificação social trouxe ao cristianismo uma utopia de salvação social (em contraposição à salvação individual evangélica), ilusão que politizou o cristianismo criando a meta de trazer à Terra a Nova Jerusalém.

Na Escatologia cristã, a planificação instaurou a ideia de não mais esperar pela *parousia* (o reino de Cristo na Terra) mas fazer do homem o responsável por esse reino de paz. A política se tornou então o evangelho de parte da cristandade que passou a trocar a Bíblia pela Constituição e lutar por justiça social, igualdade, fraternidade e o bem-estar social.

Inferno

Não há como negar: a ideia de uma condenação eterna, que se formou visivelmente no judaísmo dos dois últimos séculos anteriores ao cristianismo está firmemente arraigada tanto na doutrina de Jesus (Mt 25:41; Lc 13:28) como nos escritos apostólicos (2 Ts 1:9; Rm 9:22). -- p. 237

Com relação à existência do Inferno, Ratzinger não se prolonga além do que se prolongou durante toda sua obra aqui analisada no trato para com o *sheol*, o autor considera a existência do apartar-se de Deus como indiscutível, uma vez que não apenas o cristianismo mas até mesmo as seitas espiritualistas todas buscam a redenção da alma, a evolução do espírito ou a própria superação da mediocridade humana como um nirvana natural a ser buscado pelo homem que quer o bem.

A encarnação do Verbo se faz desnecessária em um mundo sem entropia e morte, e como já vimos na filosofia grega, a morte é indiscutivelmente certa, como também o deve ser o seu oposto.

Purgatório

Ratzinger faz uma explanação profunda com relação ao Purgatório, ressaltando que se trata de uma Doutrina da Igreja sob bases bíblicas que falam não do Purgatório em si, mas da possibilidade da purificação de pecados pós-morte. Na abordagem do tema, o autor ressalta que as discussões da Igreja são definidas em Lyon-Florença-Trento, referindo-se aos marcos da discussão doutrinária dos séculos XIII-XVI. Tais discussões tinham por objetivo a união da visão oriental e ocidental da igreja, que diferia com relação à possibilidade de existência de um lugar para expiação no além, convergindo unicamente com relação à oração pelos mortos. E é nesses dois temas que prossegue a abordagem em “Escatologia”¹.

A oração pelos mortos no cristianismo tem origem na tradição judaica primitiva. Com a posterior adoção por parte da igreja cristã, o costume de orar por aqueles que já morreram encontrou corpo em Tertuliano, no ocidente, e Clemente de Alexandria, no oriente. O Purgatório, compreendido não como *lugar* mas *estado* da alma, não corresponde na doutrina como no imaginário popular (brasileiro, no caso), a saber, o lugar da segunda chance para quem morreu não firmado sobre a rocha. Ao contrário dessa ideia popular que se assemelha mais a um ideia folclórica do que a uma doutrina da igreja, o Purgatório é onde só se pode estar fora da temporalidade humana, o que o torna de imediato não um lugar (no conceito de limite físico) mas um estado, o estado daquele que precisa passar por um processo (de purificação). A obrigatoriedade de ser o Purgatório vivido apenas fora da temporalidade humana se dá simplesmente por ser ele, obrigatoriamente, acessado apenas após a morte, e após a morte não se vive o tempo do homem, mas o tempo de Deus. Dessa forma, é equivocada a ideia de permanência local no Purgatório, antes é mister entender o que nas aulas anteriores já abordamos sobre a diferença da linha do tempo humana para com a linha do tempo divina.

¹ Na abordagem sobre o Purgatório, Ratzinger registra a total rejeição por parte dos reformadores com relação à expiação de pecados após a morte do pecador, assim como da utilidade da oração pelos mortos. Essa rejeição dos reformadores tornou necessária a discussão por parte da Igreja Católica para unificar a questão, e assim fez-se necessária a resolução da incompatibilidade entre o pensamento oriental e ocidental da Igreja Católica.

“Com isso, fica claro o significado essencialmente cristão do Purgatório: não se trata de uma espécie de campo de concentração no além (como em Tertuliano), onde o homem tem de cumprir penas que lhe são impostas de uma maneira mais ou menos positivista. Trata-se, antes, do processo internamente necessário de transformação do homem, através do qual ele se torna capaz de Cristo, capaz de Deus e, portanto, capaz da unidade com toda a communio sanctorum.” – p. 252

Quanto a orar pelos mortos, a Igreja não encontrou dificuldades em harmonizar a voz oriental e a ocidental, desconsiderando por óbvio a opinião dos reformadores. Restava abordar a questão da expiação de pecados no Purgatório, e aqui o autor dá as bases bíblicas, ainda que naturalmente parcas, para a compreensão de que Cristo e os apóstolos entendiam ser realidade o que, após a morte dos apóstolos se tomou por possibilidade: a purificação após a morte.

“Se a obra de alguém se queimar, este sofrerá prejuízo; ainda assim, será salvo como alguém que escapa por entre as chamas do fogo” – I Co 3:15

No texto bíblico acima, Paulo se dirigia à Igreja em Corinto e fala sobre a sucessão de seu próprio trabalho, assim o menor dos apóstolos diz que o fundamento de todo seu ministério é Cristo, único fundamento possível e que, mesmo diante do fogo purificador se mostra puro. Não obstante a compreensão do contexto, a ideia em torno da leitura paulina de que *há um fogo purificador* e de que a ele os homens (e suas obras) são submetidos, concede à Igreja a liberdade para interpretar as palavras do Mestre em Mt 5:25,26 que diz:

Entra em acordo depressa com teu adversário, enquanto estás com ele a caminho do tribunal, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, o juiz te entregue ao carcereiro, e te joguem na cadeia. Com toda a certeza afirmo que de maneira alguma sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

Adicionalmente aos pontos acima assinalados, Ratzinger convida o leitor de “Escatologia” a pensar sobre a vida cristã no outro, termo utilizado por Bento XVI para falar sobre a vida cristã que jamais é vivida sozinha, mas sempre em companhia da congregação. Assim, o leitor é conduzido brevemente nas pp. 253-255 a refletir sobre a lógica cristã da possibilidade de um terceiro interceder junto a Cristo em favor da expiação de pecados, ainda que após a morte. Diz o autor:

“[...]Jo verdadeiramente fundamental é ser capaz de orar, e ter o dever de orar; a interpretação que se dá ao correlato objetivo dessa prática no além é algo que não precisaria ser fixado unitária e compulsoriamente numa união das Igrejas.”

Chegamos ao fim da abordagem sobre o Purgatório com um chamado ao fim da discussão e adoção daquilo que todo cristão sabe ser chave da vida com Deus, a oração.

Céu

Em sua leitura sobre o Céu, Ratzinger nos lembra que a expressão “céu” já é uma alegoria *do alto*, e que assim se refere ao naturalmente inalcançável como também algo etereamente sólido (lembramo-nos do *firmamento* no Gênesis). Compreender o céu é compreender nossa futura vida com Deus, o que só é possível por meio de Cristo (Jo 17:3); assim encontramos as referências do Rabi ao Reino do Céu em suas parábolas², trazendo à nossa realidade terreal o conhecimento inalcançável (celestial) por meio de alegorias como *o Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido no campo... o Reino do Céu é semelhante a um homem negociante... o Reino do Céu será semelhante a dez virgens que...*, temos então o descer do alto temporário, possibilitando aos [ainda] terreaux uma visão prévia do que *então veremos face a face* (I Co 13:12).

Sabemos por óbvio que o Céu não é um “local”, assim como o Inferno ou o Purgatório; como também não o é desfragmentado ontologicamente em um niilismo que transforma um Céu em uma energia, uma ideia ou o mais positivista possível ao incrível, um “estado do ser”. O teólogo Ratzinger leva sua publicação ao fim detalhando como a vida em Cristo é, já, o viver no Céu. Trago aqui o mesmo parágrafo final de sua obra que é o melhor fechamento possível para o que abordamos aqui:

O Céu, como tal realidade “escatológica”, é o advento do definitivo e totalmente-outro. Seu caráter definitivo deriva do amor irrevogável e indivisível de Deus; sua abertura para o eschaton total provém da abertura da história do Corpo de Cristo, assim como da história de toda a criação, que ainda se encontra em vias de acabamento. O Céu só terá alcançado sua plenitude final quando todos os membros do corpo do Senhor estiverem reunidos. Essa plenitude do corpo de Cristo inclui, como vimos, a “ressurreição da carne”; seu nome é “parusia”, na medida em que, com ela, a presença de Cristo, que até então apenas tivera início entre nós, estará consumada, abarcando ao final todos os eleitos e, com eles, o Universo inteiro. O Céu conhece, portanto, dois estágios históricos: a exaltação do Senhor funda o novo ser-um [Einssein] entre Deus e o homem e, com isso, o “Céu”; o acabamento do corpo do Senhor no “pleroma” do “Cristo inteiro” é a consumação de sua real totalidade cósmica. A salvação do indivíduo, digamos uma vez mais para concluir, só será total e plena quando já estiver realizada a salvação do Universo e de todos os eleitos, que não se encontram simplesmente no Céu, um ao lado dos outros, mas que, uns com os outros, são o Céu como o Cristo único. A criação inteira será, então, “cântico”, um gesto esquecido em que o indivíduo supera os limites do ser e invade o todo, ao mesmo tempo em que o todo invade o indivíduo. Será júbilo, em que todo questionamento é resolvido e satisfeito. – Escatologia, p. 260

² Todas essas citações do Mestre foram bastante exploradas em nossa série de aulas “Os Cinco Grandes Sermões de Cristo”, disponível na Escola de Conservadorismo.

Conclusão

A obra aqui estudada é um tratado sobre a Escatologia sob uma ótica aperfeiçoada, posso definir assim sem medo de ser traído pelo adjetivo pois não se vê nessa obra um retorno à raiz do termo “escatologia”, mas antes uma expansão a tudo o que o tema tem a oferecer e ainda não havia sido explorado. Dos conceitos densamente abordados posso destacar alguns: o **viver escatologicamente**, como a compreensão da participação na eternidade, que por ser eterna não pode ter um início, o que é óbvio quando escrito mas não é vivido claramente na congregação uma vez que o pensamento de que *depois de mortos* iniciaremos a vida eterna com Deus; a abordagem da **teologia marxista** também é ímpar na obra que estudamos aqui, mostrando que a escatologia foi superficialmente atingida mas profundamente afetada com a ideia de trazer a escatologia cristã do futuro para o presente, politizando o evangelho com a busca incessante de, através do trabalho social e político, realizar a Nova Jerusalém aqui mesmo, na Terra; a defesa apaixonada da **imortalidade da alma**, que marca toda a obra, da primeira à última página (incluindo o anexo) é o amor cristão em papel e tinta, trazendo à memória do leitor que não há lógica evangelística sem a alma imortal, que não é exterminada (ou adormecida) com a morte do corpo, mas devolvida às mãos do oleiro para que conforme Seu poder e glória, seja feito um novo vaso para comportá-la. No mais, e há muito mais nesse livro, Joseph Ratzinger se dá ao labor teológico com respeito ao leitor e à potência divina, considerando não apenas o produto do pensar católico mas do livre sopro do Espírito, trazendo ao leitor filosofia grega, teologia hindu e o pensamento dos reformadores, em um ato de humildade manuseado com o vigor de quem não teme o fio da espada da Lei, antes a manuseia com a destreza de quem pode falar, assim como o Apóstolo Paulo na carta aos Efésios: *[...]porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia.*

—
Deus abençoe a todos.

Fernando Melo
Brasília, março de 2021.